

## **A realidade pós-colonial de Moçambique**

Do contexto histórico até a atualidade: conflitos permanecem no país

Em Moçambique, os mais de 400 anos sendo colônia de Portugal trouxe consequências que repercutem nos conflitos atuais, em que é possível ver os reflexos dessa dominação. Foi durante o século XV que o rei português organizou expedições, chefiadas por Vasco da Gama no intuito de descobrir o caminho pelo mar entre a Europa e Índia, isso porque a chegada dos produtos e especiarias por terra custava um valor muito alto aos países europeus, a ideia era baratear esses produtos no percurso marítimo.

Em 1498 chegaram a ilha de Moçambique, que se tornaria uma base fundamental para o comércio, pois garantia a Portugal o apoio a navios que passavam ali e, consequentemente, o monopólio das especiarias consumidas na Europa.

Antes dos portugueses se instalarem e começarem a dominar outras posições importantes, como a Sofala, onde eram escoados os marfins vindos do interior, os comerciantes que mais tiveram relevância para história do país foram os árabes, que até introduziram em algumas regiões o islamismo, afim de manter o controle do comércio. Entretanto, os portugueses já tinham a ideia de ter total domínio da área e apesar da resistência árabe, os portugueses conseguiriam eliminar essa influência comercial.

Com rotas estratégicas, os estrangeiros começaram a penetrar no interior de Moçambique e mesmo encontrando resistência armada da população e sem preparação para as condições de uma luta em que não conheciam o terreno e o clima, conseguiram chegar ao Monomotapa, que também era conhecida por ser a linhagem dos reis africanos no sudeste da África. Através de negociações e o descumprimento delas, Portugal conseguiu dominar toda região, o que levou a decadência da política que os nativos conheciam.

O sistema de prazos foi a primeira real forma explícita de colonização dos portugueses e funcionava como uma espécie de feudos de mercadores portugueses que ocupavam uma terra comprada, doada ou conquistada. Quando houveram condições para a emergência de Estados militares, a principal dedicação era ao tráfego de escravos e diversas populações foram sacrificadas para o contexto da escravatura, mesmo após o decreto oficial de abolição.

O processo de colonização não foi pacífico e a Guerra para a Independência do país aconteceu ocorreu desde 1964, quando os revolucionários conquistavam terras que não estavam sob tanta fiscalização dos portugueses e instalavam suas próprias formas administrativas, até 1975, ano que foi proclamado a oficial independência de Moçambique.

No último lançamento do escritor moçambicano, Mia Couto retrata o final desse período de colonização. O livro “O mapeador de ausências”, apesar de ser ficção, aborda a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), os levantes contra os portugueses, as revoltas, as regras portuguesas e principalmente os ciclones que existem na região, sendo o mais recente o que devastou a cidade de Beira, em 2019, que é cidade natal do autor.

Durante o desenvolvimento do livro é possível entender seus resquícios nos dias atuais do país, que não deixou de ter conflitos. A província de Cabo Delgado, no norte de

Moçambique vêm sofrendo ataques violentos desde outubro de 2017, segundo Mamadou Sow, chefe da delegação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, instituição que ajuda vítimas de guerra e violência armada, embora as razões para o conflito serem multifacetadas, suas consequências são reflexo da província ser a mais pobre de Moçambique, sendo uma área que foi negligenciada historicamente. tem culturas diferentes, religiões diferentes, com pessoas deslocadas, vivendo com medo, e insegurança.

Mamadou também comenta, “...sempre temos algo que nos deixa acordados durante a noite, o meu são os jovens africanos.” Enquanto as guerras e conflitos acontecem, o tempo não para e o futuro dos jovens que acabam sendo vítimas da situação dependem da sobrevivência. Muitas pessoas deslocadas fogem para outras cidades sem nada e acabam precisando de tudo quando chegam: acesso a alimentação, roupas, água, cobertores e abrigo após escapar de violências e muitos sofrem traumas difíceis de esquecer.

É difícil focar na educação e futuro quando é colocado em questão sua segurança e bem-estar, além da possível radicalização de crianças e doutrinação para a conduta de guerra. Simultaneamente com os conflitos, as mudanças climáticas também afetam a população, havendo um impacto duplo e levando consequências piores.

Apesar de tanta violência durante sua história, Moçambique e a continente africano em si não se resumem a isso, existem países muito poderosos, um ecossistema com uma biodiversidade imensa, cultura, religião e literatura que devem ser mais conhecidos. Mesmo alcançando sua recente liberdade, o país, que ainda sofre com conflitos por diferentes motivos, tem um longo caminho na busca pela segurança para sua população.